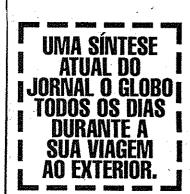




R. Conde de Bonfim, 232 LJ. E

R. Conde de Bonfim, 344 S/Lj. 227

GLOBO FAT



TEL.: (021) 534-5656 FAX: (021) 534-5670

Os últimos dias de uma tribo invisível

Os seis índios avá-canoeiros remanescentes vão deixar a terra ancestral em troca de US\$ 2 milhões

Ascânio Seleme

• MINACU (GO). Dois milhões de dólares. A história da mais recente e grave ameaça do homem branco aos índios avá-canoeiros o povo invisível — está sendo contada em moeda estrangeira. Dentro de cinco meses, os últimos seis índios de uma nação que já reuniu nas matas do Centro-Oeste brasileiro mais de duas mil almas serão obrigados a abandonar sua reserva às margens do Tocantins. O rio vai secar. Em outubro, serão fechadas as comportas da hidrelétrica da Serra da Mesa, obra que Furnas Centrais Elétricas toca há dez anos. Além de secar a principal fonte de vida dos avá-canoeiros, o lago que será formado vai engolir mais de 10% dos 38 mil hectares da reserva indígena. Furnas vai indenizar os remanescentes avá-canoeiros. O projeto negociado entre a estatal e a Funai, que estabelece até mesmo a construção da nova aldeia, vai custar pouco mais de US\$ 2 milhões.

Os avá-canoeiros foram perseguidos por garimpeiros e bandeirantes nos séculos XVII e XVIII e massacrados por fazendeiros e posseiros nos 200 anos seguintes. Em 1969, cem avá-canoeiros foram trucidados por um grupo de fazendeiros no interior de Goiás. Sobraram quatro índios: duas mulheres, um menino de seis anos e uma menina de colo. Os meninos cresceram e tiveram filhos. Hoje, o povo avá-canoeiros é composto por lawí (36 anos), Matcha (56), Nakwatxa (46), Tuia (29), Thrumak (9) e Putdjawa (7). Outros oito avá, que vivem na ilha do Bananal, perderam a identidade ainda nos anos 70. Misturaram-se a caiapós e javaés, acasalaram-se com posseiros caboclos, esqueceram seus costumes, abandonaram sua língua e, por fim, cortaram de vez suas raízes.

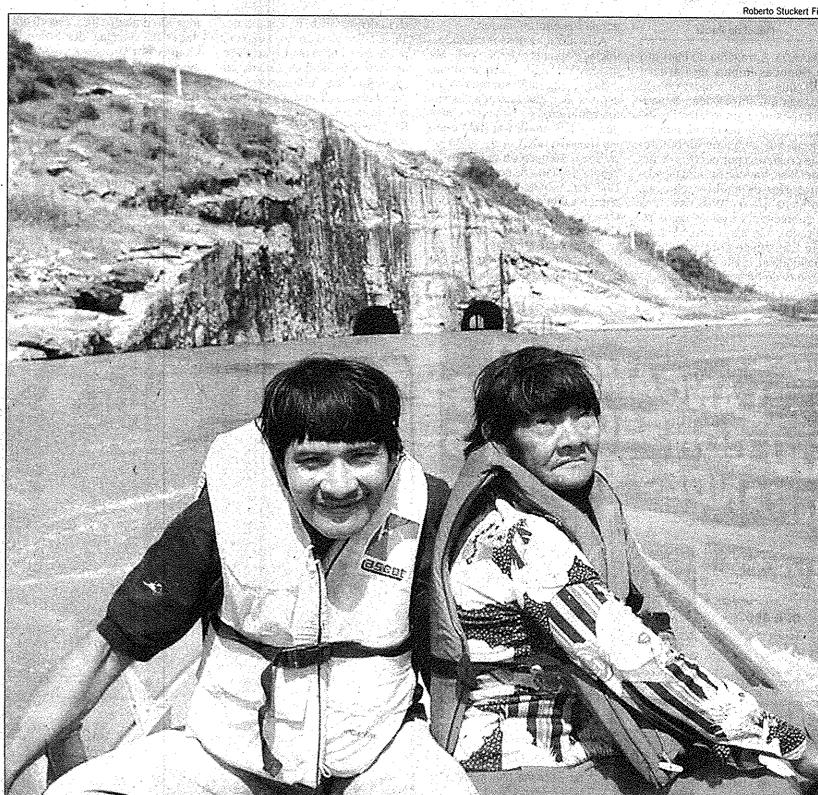
Para manter a última esperança de vida avá na terra, os programas serão custeados por Furnas e conduzidos pela Funai. Além da nova aldeia, que será erguida a 15 quilômetros da localização atual, o dinheiro de Furnas será empregado na demarcação da reserva, na regularização fundiária da região, em meios para manter a saúde e garantir a educação dos indios, na atração e contato de presumíveis avá arredios e, se o contato ocorrer, na unificação do povo avá-canoeiro. Os seis índios, que vivem na reserva do rio Tocantins desde 1985 não sabem esconder a decepção quando falam sobre a mudança da aldeia. Mas, como entenderam que não há outra saída, já aceitaram a idéia e participaram da escolha do novo acampamento.

- Aqui é muito bom. Tem rio grande. Aqui tem muito periquito, que come o arroz. Lá (na nova aldeia) tem rio pouco grande e tem periquito. Periquito não presta - explica lawi, o único homem avá adulto, o pai das duas crianças da tribo, o marido das três mulheres que sobreviveram de seu povo.

Até o fim de maio, acredita o indigenísta Walter Sanches, a nova aldeia começará a ganhar pé, os primeiros roçados serão feitos e os últimos cinco posseiros da área já terão saído. Chefe do posto avá-canoeiro da Funai desde 1990, Walter é o melhor amigo de lawi e de suas mulheres e filhos. lawi e Matcha, a índia mais velha, mãe de Tuia, prima de Nakwatxa e avó do Thrumk e Putdjawa, visitaram com Walter a área em que vão construir sua casa. Matcha, a líder incontestável do grupo, prefere não falar do problema. Espera apenas que ele se apresente para então fazer alguma coisa.

- Hum, hum, hum... Indio acostumado a andar. Andar longe - Matcha fala um português cantado, difícil de entender, e gesticula muito.

Matcha e lawi não sabem, mas outra ameaça que se aproxima tem nome próprio. Seus vizinhos, 64 posseiros e fazendeiros que vivem dentro da reserva, juram que não vão embora. Alguns moram alí há 40 anos. São de um tempo em que avá-canoeiro significava praga e como tal era combatido. A reforma fundiária prevista no projeto de Furnas e Funai estabelece a indenização e a total retirada de "presença estranha" da terra indígena.



DOIS DOS ÚLTIMOS avá-canoeiros de colete/salva-vidas para navegar no rio Tocantins: os costumes da tribo que já teve dois mil integrantes foram esquecidos

Poligamia e, na hora do almoço, morcegos

Sobreviventes do massacre da tribo moram às margens do Tocantins desde 85

• MINAÇÚ (GO) — lawi e Matcha são duas formiguinhas. Assustadas. De mãos dadas, abotoados em salva-vidas, dois seres insignificantes que de um pequeno barco observam a imensidão da barragem da hidrelétrica de Serra da Mesa. Aquilo não existe. Para um povo que enxerga no escuro, não faz mesmo sentido escavar tanta pedra, revolver e inundar tanta terra para fabricar energia, luz.

— De noite, os índios dormem

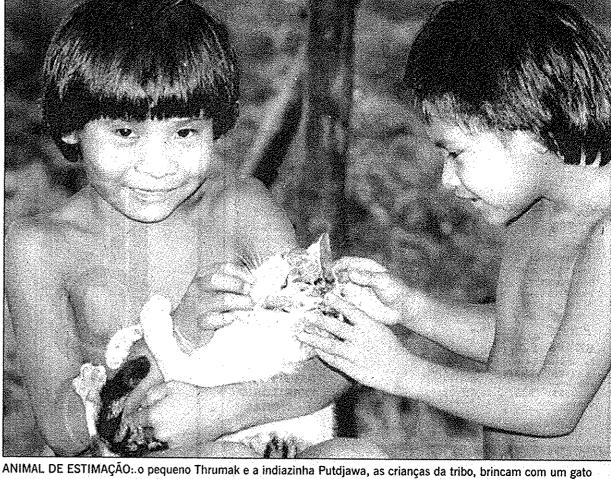
 lawi simplifica. Desde 1985, os últimos avá-canoeiros vivem às margens do rio Tocantins. Matcha, que liderou o grupo de sobreviventes do último massacre de seu povo, mostrou o sexo a lawi e Tuia. Nakwatxa assumiu as funções de caçador e pajé, historicamente atribuídas aos homens. Os dois meninos cresceram e tiveram filhos. As duas mulheres envelheceram. lawi ama Matcha, ama Nakwatxa e ama Tuia. Vive uma perfeita poligamia com as três. Matcha, a mais velha e cansada, é a sua mais querida.

- Matcha, vem ver vespa... Matcha, olha tucano... Matcha, vamos, vamos - lawi não dá mais do que uma dúzia de passos sem chamar por Matcha.

Matcha, a mais velha, é a favorita e manda em todos

Matcha é mãe de Tuia e prima de Nakwatxa. Todas trabalham. Tuia cuida dos dois filhos. Nakwatcha caça e toca a flauta dos pajés. Matcha manda na casa de todos. Os meninos brincam e lawi, que também caça e pesca, é o cozinheiro da familia. A aldeia tem quatro casas. Duas de barro e madeira foram construídas por lawi e servem como cozinha e residência de todos. As outras duas, feitas pela Funai, de tijolo rebocado, são ocupadas por Walter Sanches e Bastião, funcionário contratado pela Funai — com dinheiro de Furnas - para dar assistência à aldeia.

De 1985 até 1990, os seis avácanoeiros foram tratados como brancos. Furnas, orientada por um antigo funcionário da Funai,



chegou a instalar fogões a gás nas casas dos índios. Iawi passou a frequentar o canteiro de obras da barragem, bebia com os peões e não trabalhava. Tuia foi violentada por esses mesmos peões. Dois foram demitidos. Os últimos avácanoeiros estavam tão sujos quanto as águas dos igarapés que nascem em torno da barragem. A vida de Matcha começou a ser recuperada em 1990, quando Walter Sanches assumiu o posto.

Desde o massacre, lawi e suas mulheres vivem escondidos

Os fogões e botijões de gás foram devolvidos para Furnas. Iawi parou de beber. Tuia nunca mais sofreu violência sexual. Matcha ficou mais feliz. Nakwatxa voltou acacar. Os avá-canoeiros ainda recebem cestas de mantimentos de

Furnas. Mas o volume de óleo e açúcar foi reduzido à sua décima parte. lawi começou a plantar. Aprendeu algumas regras básicas e hoje cultiva arroz, mandioca, batata e amendoim. Desde o massacre de 1969, ele e suas mulheres viveram escondidos em cavernas nas serras da Mesa e do Moleque, em Goiás.

 Plantar, bom plantar. Antes não plantava — explica lawi.

Nas cavernas, escondidos do mundo, os "índios invisiveis" aprenderam a comer morcegos. Até hoje, uma das iguarías do cardápio dos avá-canoeiros. Impedidos de cacar nos descampados, passaram a buscar ratos nas encostas dos morros. Até hoje apreciam morcegos e ratos. Ratos do mato, que só comem frutas, de carne mais limpa e sadia que a do porco caseiro.

- Bom comer carne. Comer galinha, bom também — Matcha, Nakwatxa e Tuia não aguentam ver as galinhas soltas no terreiro, como quer Walter. Preferiam as bichinhas trancadas, como os papagaios, tucanos, periquitos e outros pássaros que mantêm enjaulados dentro da casa onde dor-

lawi e Matcha raramente se irritam com qualquer coisa. Nakwatxa e Tuia perdem o humor com frequência. No fundo, parecem perceber que lawi prefere Matcha. A vida dos últimos seis avá-canoeiros prossegue como na nossa casa.

As diferenças fundamentais que os separam dos brancos é que os tornam especiais. Eles sabem disso. ■